

arUNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**BIBIANA CALATAYUD BARBOSA**

**AUTORES DE HOMICÍDIOS PASSIONAIS: NARRATIVAS DO CRIME,  
HISTÓRIAS DE VIDA E DOS RELACIONAMENTOS**

São Leopoldo  
2015

**BIBIANA CALATAYUD BARBOSA**

**AUTORES DE HOMICÍDIOS PASSIONAIS: NARRATIVAS DO CRIME,  
HISTÓRIAS DE VIDA E DOS RELACIONAMENTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e abordagens psicoterápicas

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Vera Regina Röhne Ramires

São Leopoldo  
2015



## *Agradecimentos*

*Gostaria de agradecer primeiramente a Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) pelo suporte e autorização para realização desta pesquisa, principalmente a colega Andrea de Borges Sattler, pelos encaminhamentos e retornos junto a Escola do Serviço Penitenciário.*

*Muito importante também, foi o apoio recebido pelo Delegado da 7ª Região Penitenciária Roniewerton Pacheco Fernandes, que sempre compreendeu minhas ausências no trabalho, esteve torcendo e auxiliando em todo o andamento deste estudo. Assim como minhas colegas Técnicas Superiores Penitenciárias, Agentes Penitenciários e Agentes Penitenciários Administrativos, que sempre me ampararam e se interessaram pela pesquisa.*

*Agradeço aos estabelecimentos prisionais que me receberam para efetivação desta investigação, por terem compreendido a importância da realização das entrevistas e os moldes em que elas foram pensadas. Também aos participantes, pela disponibilidade e receptividade com a qual dividiram comigo suas trajetórias de vida.*

*Muito obrigada a minha orientadora Vera Regina Röhnelt Ramires, pelas brilhantes colocações, orientações e suporte na escrita desta dissertação. Assim como pela forma com que me auxiliou a organizar as ideias e a formulação dos artigos.*

*Também agradeço aos meu pais pelo incentivo, conversas, acolhimento e por sempre terem compreendido minhas escolhas. A minha mãe do coração Lourdes, pela companhia nos finais de semana e torcida pela finalização do trabalho. Aos meus amigos que sempre estiveram prontos para conversar e compreenderam minhas ausências nos eventos de final de semana.*

*Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa.*

## Sumário

Resumo.....	6
Abstract.....	7
<b>Apresentação da Dissertação.....</b>	<b>8</b>
<b>Seção 1- Autores de homicídios passionais: suas histórias de vida e de seus relacionamentos amorosos.....</b>	<b>10</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>10</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>11</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>Método.....</b>	<b>14</b>
Delineamento.....	14
Participantes.....	15
Procedimentos.....	15
<b>Resultados.....</b>	<b>16</b>
Caso 1: Daniel.....	16
Caso 2: Miguel.....	18
Caso 3: Marcos.....	20
<b>Discussão.....</b>	<b>22</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>28</b>

<b>Referências.....</b>	<b>29</b>
<b>Seção 2 - Crimes passionais: a narrativa subjetiva <i>versus</i> a narrativa jurídica.....</b>	<b>35</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>35</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>36</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>36</b>
<b>Método.....</b>	<b>41</b>
Delineamento.....	41
Participantes.....	41
Procedimentos de Coleta dos Dados.....	41
Procedimentos de Análise dos Dados.....	42
<b>Resultados.....</b>	<b>42</b>
Caso 1.....	42
Caso 2.....	44
Caso 3.....	46
<b>Discussão.....</b>	<b>48</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>53</b>
<b>Referências.....</b>	<b>54</b>
<b>Considerações Finais da Dissertação.....</b>	<b>59</b>
<b>Referências da Dissertação.....</b>	<b>61</b>

<b>ANEXOS.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO B - Autorização da Superintendência dos Serviços Penitenciários.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>64</b>

## **Autores de homicídios passionais: narrativas do crime, histórias de vida e dos relacionamentos**

Esta dissertação de mestrado teve como objetivos investigar a história de vida e dos relacionamentos amoroso de autores de homicídios passionais, assim como analisar e explorar os eventos que antecederam o crime e suas compreensões sobre o delito cometido. Também buscou-se analisar as discrepâncias de informações contidas nos relatos dos participantes e nos documentos processuais. Participaram desta pesquisa três homens condenados pelo cometimento de homicídio qualificado de suas companheiras, que foram identificados a partir da indicação de profissionais da área de segurança dos estabelecimentos prisionais. O método utilizado foi o estudo de casos múltiplos. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com cada participante, utilizando-se ainda uma ficha sócio demográfica, o genograma e a leitura do processo de execução criminal e documentos referentes ao autor e à situação do homicídio. Como resultados, observou-se baixa escolaridade, inserção precoce, formal e duradoura no mercado de trabalho, terem vivenciado violência física na infância, vínculos familiares preservados, adesão à religião evangélica, histórico de agressões prévias ao cometimento do delito, expectativas relacionadas a papéis de gênero tradicionais, histórico de diversos relacionamentos ao longo da vida. Também constatou-se, através da análise do processo criminal e demais documentos, que estes, quando confrontados com as entrevistas, continham conteúdos discrepantes. Para explicar as disparidades de informação, foram formuladas algumas hipóteses, como o processamento da memória, falsas memórias e a minimização/negação do ato cometido.

Palavras-chave: homicídios passionais, relacionamentos amorosos, violência conjugal, crimes passionais.

## **Perpetrators of crimes of passion: crime chronicles, life stories and relationship backgrounds**

The purposes of this Master's thesis were to investigate the life stories and romantic relationships of perpetrators of crimes of passion as well as to analyze and look into the events preceding their crimes and how they view the offenses they have committed. We also sought to analyze the discrepancies between information contained in the perpetrators' accounts and court records. This study focuses on three men convicted of the first-degree murder of their lovers and who were referred to us by corrections officers at the correctional facilities where they are serving time. The method we used was the multiple case study. We conducted four semi-structured interviews with each convict. We also used social-demographic charts and genograms, and read the court records and documents related to the killers and the situation of the murders. The results showed they had low schooling levels, had started working at an early age and remained in formal jobs for a long time, experienced physical violence as children, remained close to their families, were evangelicals, had a history of prior assaults before committing their crimes, had expectations related to conventional gender roles, and a history of several relationships in the course of their lives. We also found discrepancies between the information they provided during their interviews and that contained in their court records and other documents. We formulated a few hypotheses to explain the conflicting information, such as their recall processes, false memories, and the downplaying/denial of the crime they committed.

*Keywords:* passion killings, loving relationships, domestic violence, crimes of passion.

### **Apresentação da Dissertação**

O presente trabalho apresenta a dissertação de mestrado desenvolvida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, mais precisamente inserida na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. A pesquisa realizada contou com a aprovação da instituição responsável pela custódia de pessoas privadas de liberdade e demais autoridades pertinentes para sua efetivação.

O foco deste estudo foi investigar e analisar a história de vida e dos relacionamentos amorosos de autores de homicídios passionais, com base em suas perspectivas. Buscou-se, também, analisar documentos e registros relacionados ao crime cometido, confrontando-os com as narrativas dos participantes, identificando informações e discrepâncias acerca das circunstâncias dos homicídios.

O homicídio passional pode ser considerado como motivado por sentimentos inerentes ao ser humano, pois cada indivíduo encontra suas próprias formas de administrar uma perda, uma traição, um estado de ódio ou um rancor, podendo lidar com maior ou menor intensidade no enfrentamento destas situações e sentimentos (Pêgo, 2007). Souza (2004) explica que o delito de matar sempre foi uma questão de difícil enfrentamento para a humanidade. Para esta autora, aquele que mata o próprio semelhante, que pratica a conduta considerada como a máxima expressão da agressividade, move, desde os primórdios da existência humana, os mais diversos enredos de dinâmicas afetivas. Pode acabar provocando interesses opostos, exaltar dinâmicas projetivas ou fomentar óbvios e significativos pedidos de justiça, de punição, de reparação e de defesa social.

Nesta direção, surge o interesse em investigar quais as histórias vivenciadas por homens que mataram suas companheiras, como se relacionaram com suas famílias, amigos e parceiras até o cometimento do homicídio. A busca pela temática também surgiu a partir da constatação dos altos índices de mulheres mortas por seus parceiros no Brasil e no mundo.

Observa-se que aproximadamente 20 mil mulheres morreram por agressão no Brasil entre 2003 e 2007 (Meneghel & Hirakata, 2011). O tipo mais comum de violência contra a mulher é aquela praticada por seu parceiro íntimo, podendo esta violência ser psicológica, física ou sexual (Devries et al., 2013). Segundo Day et al. (2003), os números alarmantes da violência conjugal reforçam a necessidade de compreensão do fenômeno para além do ambiente familiar.

Diante destes dados e questionamentos, esta dissertação buscou compreender as experiências vividas pelos autores de homicídios, de acordo com suas perspectivas. A primeira seção intitulada “Autores de homicídios passionais: suas histórias de vida e de seus relacionamentos amorosos” focaliza aspectos referentes ao histórico de vida e dos relacionamentos amorosos dos homens que cometeram homicídios passionais. A segunda seção, intitulada “Crimes passionais: narrativas subjetivas *versus* a narrativa jurídica” descreve as discrepâncias encontradas entre os discursos apresentados pelos participantes e as demais informações disponíveis nos documentos processuais, elencando hipóteses para explicar as informações contraditórias.

## **Seção 1 - Autores de homicídios passionais: histórias de vida e dos relacionamentos**

### **Resumo**

**Introdução:** A violência de gênero constitui uma problemática relevante em nossa sociedade. Nos casos mais graves, pode culminar em episódios de extrema violência, os homicídios passionais. **Objetivos:** Este estudo investigou a história de vida e dos relacionamentos amorosos de autores de homicídios passionais, identificando suas vivências e narrativas sobre os eventos desta trajetória, até o cometimento do crime. **Método:** Foi utilizado o procedimento de estudo de casos múltiplos. Participaram três homens condenados e presos por homicídio qualificado das suas companheiras. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com cada participante. Também foram utilizadas uma ficha sociodemográfica e o genograma. **Resultados:** Em relação às trajetórias de vida destacaram-se: violência física na infância, baixa escolaridade, inserção precoce no mundo do trabalho, vínculos com a família de origem preservados, adesão à religião evangélica, e em um dos casos, tentativa de suicídio após cometimento do homicídio. Quanto aos relacionamentos amorosos, constatou-se que os participantes apresentaram expectativas em relação a papéis tradicionais de gênero, relacionamentos breves que resultaram em coabitação, histórico de diversos relacionamentos anteriores ao envolvimento com a vítima, homicídio cometido em relacionamentos de curta duração.

Palavras chave: homicídios passionais, autores de homicídios passionais, histórias de vida, relacionamentos amorosos, violência conjugal.

## **Perpetrators of crimes of passion: life and relationship stories**

### **Abstract**

**Introduction:** Gender violence is a relevant problem in our society. In the more serious cases, it may lead to episodes of extreme violence: crimes of passion. **Purposes:** This study looked into the life and romantic relationship backgrounds of perpetrators of crimes of passion and analyzed their experiences and accounts of the events leading up to their crime. **Method:** We used the multiple case study procedure. We focused on three men convicted and imprisoned for the first-degree murder of their lovers. We conducted four semi-structured interviews with each convict. We also used social-demographic charts and genograms. **Results:** The following elements stand out from their backgrounds: they suffered physical violence in childhood, had low schooling levels, started working at an early age, remained close to their immediate families, were evangelicals, and one of them had attempted suicide after committing murder. As for their romantic relationships, we found that the killers had expectations regarding conventional gender roles, brief relationships that led to cohabitation, a history of several relationships before getting involved with their victims, and had been involved with their victims for a short time before killing them.

*Keywords:* passionate homicide, authors of passion killings, life stories, love relationships, marital violence.

## **Introdução**

A violência pode ser compreendida como uma falha do comportamento humano em respeitar os limites entre a agressão aceitável e a inaceitável. A gênese da conduta violenta é multifatorial e ainda não foi totalmente esclarecida (Gauer, 2001). Define-se o comportamento violento como uso proposital de força física contra um indivíduo, seja como coação ou um fim em si, provocando dano físico ou moral (Jozef, Greenhalgh, Leite & Ferreira, 2000). Observa-se que o comportamento violento faz parte da história da humanidade e, na atualidade, seu crescimento desenfreado o coloca como um dos principais motivos de morte em todo o mundo (Sá & Werlang, 2007a).

Uma das formas mais extremas de violência é o cometimento de um homicídio, que pode ser compreendido como resultado de uma ação humana intencional, que cause a morte de outro ser humano, seja esta ação individual ou coletiva, de fato ou como ameaça, com o uso de força ou poder físico (Minayo & Souza, 1998; Pedroso, 1995). No Brasil, este tipo de crime encontra-se no Código Penal Brasileiro através do Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de Dezembro de 1940, no rol dos crimes contra a vida, mais especificamente no artigo 121. Posteriormente, em 1994, passou a integrar a Lei dos Crimes Hediondos – Lei nº 8.072/90 – que foi modificada em decorrência do movimento gerado por uma autora de telenovelas brasileira, que teve sua filha vítima de um crime passional. Sua pena varia de 12 a 30 anos (Eluf, 2013).

Dentre as categorias de homicídios, segundo Dutton (2001), encontram-se os homicídios passionais, que são representados por um gesto violento, ou um ato agressivo que se inscreve no âmbito de uma relação amorosa. Constitui um tipo de homicídio no qual a vítima e o indivíduo homicida estavam (ou haviam estado) afetivamente vinculados um ao outro, quer seja pelo casamento, união estável ou namoro (Borges, 2009).

O homicídio passional pode ser cometido tanto por homens quanto por mulheres. Contudo, a cada quatro mortes, três são praticadas por homens, sendo esta a única forma letal de violência na qual as mulheres são as principais vítimas (Koziol-McLain et al., 2006; Starzomski & Nussbaum, 2000). Este é, de longe, o tipo mais comum de violência letal contra mulheres em países ocidentais (Kivivouri & Lehti, 2012), sendo que, na maioria dos países, o número de mulheres assassinadas por seus companheiros é de duas a cinco vezes maior do que o de homens mortos por suas companheiras (Easteal, 1994; Kaighobadi, Shackelford & Goetz, 2009; Stack, 1997).

Segundo Campbell et al., (2007), nos Estados Unidos, é nove vezes mais provável que uma mulher seja morta por seu parceiro do que por uma pessoa estranha. Cooper e Smith (2011) relataram que, neste país, do total de homicídios ocorridos em 2008, cerca de 45% mulheres e 5% dos homens foram mortos pelos seus parceiros ou ex-parceiros. Smith, Coleman, Eder e Hall (2011) encontraram índices parecidos em sua pesquisa realizada no Reino Unido, onde, em 2009, 54% das mulheres assassinadas e 5% dos homens foram mortos pelos parceiros íntimos.

No Brasil, a violência contra a mulher é um dos maiores problemas de saúde pública, atingindo um quarto da população (Jacobucci & Cabral, 2004). De acordo com Weiselfisz (2012), neste país, em 2012, houve uma taxa de 4,4 homicídios para cada 100 mil mulheres, o que representa uma média anual de mais ou menos 3800 homicídios. O país ocupa a 7ª colocação em relação a outros 84 países no *ranking* de homicídios contra as mulheres. Destes homicídios, 42,5% são perpetrados pelos parceiros ou ex-parceiros, sendo que, ao observar-se a faixa dos 20 aos 49 anos, esta taxa aumenta para 65% das agressões. Na mesma direção, Guerra e Lemos (2002) afirmam que, no Brasil, 50% dos homicídios de

mulheres são cometidos pelos próprios parceiros, tornando-se assim de extrema importância estudos referentes a autores deste tipo específico de violência.

Dados apontam que no estado do Rio Grande do Sul, em 2013, ocorreram 74 casos de homicídios de mulheres. E os dados mais recentes, de janeiro a setembro de 2014, mostram que outras 50 mulheres foram mortas pelas mãos de seus parceiros (Seibt, 2014).

A busca de uma causalidade criminosa mostra-se uma questão tão complexa que um único fator não esclarece inteiramente por que alguns indivíduos têm mais condutas violentas que outros. A violência fatal, como no caso do homicídio, é considerada como um acontecimento multidimensional, muitas vezes resultando da ação recíproca de fatores biológicos, sociais e psicológicos (Dornelles, 1988; Walker, 2001). De acordo com Coronel e Werlang (2011), o comportamento homicida é de grande interesse para a saúde pública, pelos altos índices anuais deste fenômeno, representando umas das principais causas de morte.

Analisando os dados relativos à violência contra a mulher, observando que usualmente ocorre em ambiente doméstico e com motivação passional, considerou-se necessário ampliar o conhecimento acerca do autor desse tipo de violência. Desta forma, o objetivo deste estudo foi investigar a história de vida de autores de homicídios passionais, e de seus relacionamentos amorosos, explorando também os eventos que antecederam o crime.

## **Método**

### **Delineamento**

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, baseada no procedimento de estudo de casos múltiplos. Para Yin (2010), os estudos de caso são utilizados para contribuir com o conhecimento em termos dos fenômenos individuais, sociais, organizacionais, políticos e

de grupos. Eles permitem uma investigação que visa preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real.

### **Participantes**

Participaram deste estudo três homens condenados por homicídio qualificado, que cumpriam pena em regime fechado e semiaberto, pelas mortes de suas companheiras/ex-companheiras: Daniel<sup>1</sup>, de 28 anos, que cumpria pena de 16 anos pela morte de Joana; Marcos, de 32 anos, que cumpria pena de 19 anos e 8 meses pela morte de Diana; e Miguel, de 58 anos, que assassinou Laura e foi condenado a 15 anos de prisão. Os participantes foram indicados pelos profissionais da área de segurança dos estabelecimentos prisionais.

### **Procedimentos**

Inicialmente, foi obtida a autorização do Comitê de Ética da Universidade (Anexo A), da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Anexo B), que é o órgão responsável pela custódia das pessoas privadas de liberdade, e dos participantes (Anexo C). Após, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com cada um deles, quando foram solicitados a falar sobre suas histórias de vida, seus relacionamentos amorosos e sobre o crime cometido.

As entrevistas ocorreram nos estabelecimentos prisionais. Também foram utilizadas uma ficha sociodemográfica e o genograma, que é uma forma eficiente de obter informações sobre a constituição e dinâmica familiar (McGoldrick & Gerson, 1995; Muniz & Eisenstein, 2009).

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. Inicialmente, foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma cronológica, seguindo os eventos importantes da história de vida dos participantes; após, foi

---

<sup>1</sup> Os nomes, assim como quaisquer informações que pudessem identificá-los, foram alterados.

utilizada a técnica de Construção da Explicação (Yin, 2010), visando analisar exaustivamente os dados de cada Estudo de Caso e construir uma explicação sobre o mesmo; em seguida, foi empregada a Análise de Séries Temporais na modalidade cronológica (Yin, 2010), com objetivo de explorar os eventos ao longo da história de vida e seu impacto sobre o comportamento homicida e, finalmente, foi utilizada a Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2010), que teve como objetivo confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso em particular, identificando convergências e divergências.

### **Resultados**

A seguir, apresenta-se uma síntese dos dados obtidos acerca de cada um dos casos.

#### **Caso 1: Daniel**

Daniel tinha 28 anos quando foi entrevistado e encontrava-se preso há dois anos. Nasceu em localidade de fronteira do estado do Rio Grande do Sul com o Uruguai, e era o quarto filho de uma família com sete filhos. Seu pai trabalhava como caminhoneiro e sua mãe era dona de casa. Sua família, assim como ele, seguia a religião evangélica.

Sobre sua infância, relatou que gostava muito de jogar futebol. Sofreu agressões por parte do pai, que costumava bater nele com auxílio de uma cinta ou chinelo. Relatou que não aceitava as agressões do pai e costumava confrontá-lo nestas ocasiões. Considerava que tinha um ótimo relacionamento com a mãe, e que se dava melhor com ela do que com o pai. Lembrava-se que os pais costumavam brigar, agredindo-se verbalmente.

Guardava também uma mágoa de seu genitor pois, aos oito anos, foi convidado para jogar em um time de futebol e o pai não permitiu. Acreditava que se tivesse seguido a carreira esportiva sua vida poderia ter sido diferente.

Antes da prisão, não chegou a completar o ensino fundamental. Iniciou sua vida laboral aos 15 anos, como camelô. Mais tarde, trabalhou numa garagem de carros, numa

empresa alimentícia, numa transportadora e em uma empresa moveleira. Interessou-se pela carreira militar, mas não deu prosseguimento.

Daniel teve o primeiro relacionamento afetivo aos 13 anos, com uma jovem que conheceu na igreja. O namoro teria acontecido escondido da mãe da jovem. Depois disso, teve alguns relacionamentos curtos até que, aos 16 anos, começou a namorar Joana, na época com 13 anos. Eles se conheceram por intermédio de amigos, no bairro em que residiam.

Após três meses de namoro, Daniel foi morar com Joana na casa da mãe dela. Relatou que decidiram ter um filho, que nasceu após um ano de relacionamento. Após o nascimento do filho, Daniel propôs que se mudassem para outra cidade mais próxima da capital do estado, onde sua família já residia e onde esperava encontrar melhores oportunidades profissionais, que lhe permitissem proporcionar melhores condições à esposa e ao filho.

Joana, que não queria se afastar da sua família, não teria aceitado a mudança em um primeiro momento, levando um tempo para se acostumar com a ideia. Logo após a mudança, inicialmente residiram com a família de Daniel. Posteriormente, a família de Joana também se mudou para a mesma cidade.

O relacionamento de Daniel e Joana durou oito anos e teve vários episódios de separação, que duravam alguns meses. Nesses períodos, ambos tiveram outros relacionamentos, mas depois reatavam e retomavam o casamento.

Conforme Daniel, após a chegada da família de Joana para a mesma cidade, o relacionamento do casal teria se modificado. Para ele, Joana tornou-se mais distante, dando mais atenção à sua família de origem. Não cumpria mais as tarefas domésticas como anteriormente, o que lhe desagradava. Daniel relatou que a mãe de Joana interferia muito

no relacionamento deles, influenciando o comportamento da filha, que passou a pensar mais em si mesma, em detrimento do marido e do filho.

Segundo Daniel, uma das brigas do casal, marcada por gritos e xingamentos, teria motivado Joana a registrar um Boletim de Ocorrências. Nessa ocasião, a família de Joana teria interferido na briga.

Daniel relatou que, quando ocorreu o crime, o casal teria reatado depois de um período de separação. Ele declarou que esposa mentiu para ele e foi a um baile de carnaval, ficando com outro homem nessa ocasião. Ele teria se descontrolado quando foi vê-la na casa da mãe dela para conversarem, desferindo-lhe vários golpes de faca, matando-a. Logo em seguida, tentou o suicídio com a mesma arma. De acordo com o relato da família de Joana, o casal estava separado nessa ocasião e Daniel não aceitava o fim do relacionamento.

Daniel foi socorrido e recuperou-se dos ferimentos que se autoinfligiu. Foi julgado e condenado a 16 anos de prisão por homicídio qualificado.

## **Caso 2: Miguel**

Miguel nasceu em uma cidade central do estado do Rio Grande do Sul e no período da pesquisa tinha 58 anos de idade. Integrante de uma família de três irmãos do sexo masculino, ele era o filho mais novo de um casal que sempre laborou na área da agricultura.

Sobre sua infância, relatou ter sido de muito trabalho e pouca diversão, conseguia brincar um pouco aos domingos, quando costumava jogar futebol. Começou a trabalhar com 10 anos de idade, auxiliando os pais na colônia e não chegou a completar o ensino fundamental.

De forma marcante em seu discurso foram narrados episódios de violência física por parte de seu genitor. Seus pais aplicavam a ele e aos demais irmãos uma educação muito

rígida, na qual o pai impunha sua vontade e limites através da violência física. Os filhos, frequentemente, eram agredidos com cinta ou varas. As agressões cessaram quando ele tinha 18 anos e conseguiu limitar tais situações. Nessa idade, iniciou sua vida social e profissional como motorista, trabalho no qual atua até o momento. Passou a frequentar bailes e conheceu sua primeira namorada, com quem permaneceu durante cerca de um ano. O relacionamento encerrou, pois Miguel percebia que a família da namorada não tinha bons modos e agia com violência verbal para apaziguar os conflitos entre seus membros, acreditando, desta forma, que ela poderia tornar-se agressiva futuramente.

Posteriormente, conheceu sua primeira esposa, Isaura, com quem permaneceu durante 16 anos e teve três filhos. O casal se conheceu por intermédio de familiares e, após aproximadamente seis meses, casaram-se. Depois do nascimento dos filhos, Miguel passou por dificuldades financeiras e buscando melhores oportunidades, mudou-se para região metropolitana do estado.

Miguel explicou que o casal tinha planos de ter quatro filhos. Entretanto, após o terceiro, o relacionamento não ia tão bem, o que fez com que desistissem. O casamento inicialmente era bom, contudo, após um período, Isaura passou a não valorizá-lo, destrata-lo na frente dos filhos e havia muitas brigas entre o casal, pois Isaura era muito ciumenta e desconfiava dele, fazendo com que ele optasse pela separação. Conversou com ela e com os filhos e foi residir no alojamento da empresa em que trabalhava. Isaura, após a separação, mudou-se para outro estado, onde tinha familiares e levou os filhos do casal com ela. Ele permaneceu sete anos sem contato pessoal com os filhos.

Alguns anos depois, sentiu necessidade de estabelecer novo relacionamento, pois precisava de alguém para auxiliá-lo nos afazeres domésticos. Conheceu Márcia, com quem permaneceu durante seis anos. O casal constituiu união estável e teve um filho. Após

denúncias de amigos e vizinhos de que Márcia o estava traindo, ele articulou com seu chefe uma situação para flagrá-la, quando ela ia para um baile. Ele a seguiu com dois amigos e ao adentrar no local, viu que ela estava beijando outra pessoa. Nesta ocasião, apenas a interrogou e encerrou a relação, não chegando a agredi-la. Foi para a casa e buscou o filho, que acabou permanecendo sob os cuidados dele.

Alguns anos após o término do relacionamento com Márcia, Miguel conheceu Laura e passaram a residir juntos. O relacionamento durou 18 meses, sendo que no início o casal costumava frequentar bailes, conversar e tinham bons momentos juntos. Após cerca de 14 meses de relacionamento, Laura retomou o hábito de ingerir bebidas alcoólicas, que já havia motivado uma internação em período anterior.

Miguel explicou que Laura passou a beber todos os dias, diversos tipos de bebidas alcoólicas e que passava a agredi-lo verbalmente e fisicamente. Afirmou que ela lhe fazia “desaforos”, furava o pneu de seu veículo, manchava suas camisas. Em determinado dia, tentou avançar contra ele com uma faca e estas agressões ocorriam na frente de familiares. Ele, em resposta às agressões, tentava conversar, saía da casa para refletir e disse nunca ter revidado, até o dia do cometimento do crime.

Miguel decidiu ir embora de casa, o que gerou uma briga entre o casal. Segundo Miguel, Laura, que havia ingerido bebida alcoólica, avançou contra ele com um pedaço de madeira, ele conseguiu defender-se e revidou, causando-lhe a morte. Após o cometimento do homicídio, ele fugiu por alguns dias e depois resolveu entregar-se à polícia. Foi condenado a 15 anos de prisão.

### **Caso 3: Marcos**

Marcos nasceu em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul e, no período da pesquisa, estava com 32 anos de idade. Quanto ao seu histórico familiar, era

proveniente do segundo casamento de ambos os pais. Tinha cinco irmãos, dois irmãos paternos, um materno, e um casal de gêmeos dos mesmos pais.

Sobre sua infância, trouxe lembranças positivas relacionadas à avó materna, seus cuidados com os netos e brincadeiras que vivenciava na residência da mesma. O relacionamento com os pais era bom, o pai esteve um pouco ausente devido à profissão de caminhoneiro e a mãe como dona de casa estava mais presente.

Iniciou sua vida profissional ainda na adolescência, quando trabalhou como jardineiro em uma empresa. Não chegou a concluir o ensino fundamental. Mais tarde, foi trabalhar como motorista de ônibus. Aos 17 anos conheceu Roberta, sua primeira esposa. O casal foi apresentado por amigos em comum e após uma semana de relacionamento, ele foi buscá-la para que ela residisse na casa dele com sua família. Ela tinha 15 anos. Antes de Roberta, Marcos teve outros relacionamentos mais breves, tendo sua primeira namorada aos nove anos de idade.

Marcos e Roberta permaneceram juntos por aproximadamente 14 anos, e o casal, após cerca de dois anos de relacionamento, teve um filho. Marcos expressou ter tido diversos casos extraconjugais, e explicou ter muito ciúmes de Roberta, inclusive seguindo-a em diversos momentos do relacionamento. Em uma de suas traições, Marcos conheceu Denise, por quem se apaixonou perdidamente e decidiu encerrar o casamento. De acordo com ele, o relacionamento com Roberta já não estava bem naquele período e o casal dormia em quartos separados.

O relacionamento com Denise durou cerca de um ano, quando ele passou a desconfiar de que ela o traía e decidiu segui-la. Nesta perseguição, acabou flagrando-a com outra pessoa, o que provocou um episódio de fúria, em que ele destruiu o carro do amante. Conforme seu relato, após a situação de conflito, Denise o procurou para conversar. Foram

para um local afastado da cidade, onde teriam discutido. Marcos acabou matando-a por asfixia.

Após a morte de Denise, Marcos relatou ter tido dificuldades de acreditar no que ocorreu, o que fez com que retornasse ao local do crime para verificar a realidade da situação e encobrir o corpo. Marcos foi trabalhar no dia seguinte muito transtornado com a situação, e acabou provocando um acidente, causando a morte do motorista do outro veículo e ficando em coma durante alguns dias. Quando acordou do coma, confessou seu crime. Conforme os familiares de Denise, o casal estava separado na ocasião do crime, sendo que ele a perseguiu e a obrigou a dialogar com ele. Marcos foi condenado a 19 anos e oito meses de prisão.

### **Discussão**

Pode-se verificar que o histórico de vida dos autores de homicídios passionais que participaram deste estudo contém aspectos comuns. Destaca-se que dois participantes são provenientes de famílias imigrantes de outra cidade ou estado, estão inseridos em uma classe econômica menos favorecida e foram vítimas de violência física na infância e a perpetuaram na vida adulta.

Barkley et al., (2004) constataram que episódios de maus-tratos ocorridos na infância são fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos violentos e preditivos de comportamentos ofensivos em adultos. Gover, Kaukinen e Foz (2008) destacaram que a violência intergeracional consiste em uma problemática que vem adquirindo reconhecimento, e que a exposição à violência na infância tem sido ligada à vitimização e perpetração da violência nas relações íntimas desses indivíduos.

Constatou-se no histórico de vida dos casos 1 e 2 episódios marcantes de agressão física na infância, principalmente no que diz respeito a castigos corporais como forma de

educação e imposição de respeito. De acordo com Ricas e Danoso (2006), as punições aplicadas pelos cuidadores podem constar de simples palmadas ou até mesmo assumir dimensões brutais, como espancamentos com o auxílio de instrumentos. Isso pode ser ilustrado nas seguintes falas: “... *naquela época fazia qualquer coisinha errada, era pancada, castigo, apanhava, então, a gente se criou assim... os pais podiam surrar, não tinha Conselho Tutelar, não tinha nada! A educação era a base de chicote...*” (sic), “*usava uma cinta, nunca agressão com soco, só com chinelo*” (sic).

Na mesma direção, Pornari, Dixon e Humphreys (2013), em sua pesquisa de revisão sistemática, observaram que vivências de violência na família de origem são frequentemente associadas com uma futura perpetuação de situações de violência. Para Falcke (2006), a experiência de ter sido objeto de maus tratos na infância, seja recebendo ou presenciando situações de violência, pode ser considerada como importante fator de risco para a reprodução desses episódios.

Gadoni-Costa, Zucatti e Dell’Aglío (2011), ao realizarem um levantamento de atendimentos psicológicos com agressores de parceiros íntimos, constataram que 57% deste público apresentava histórico de violência intrafamiliar. Padovani e Williams (2011) também estudaram a influência do estilo parental em homens agressores e encontraram esta variável em 90% dos casos estudados, destacando a figura do genitor como a mais frequente na perpetuação das agressões, confirmando os dados encontrados nesta pesquisa.

Na trajetória dos entrevistados, observou-se a evasão escolar na infância ou adolescência, resultando em baixa escolaridade e precoce inserção no mercado de trabalho. Barata, Ribeiro e Moraes (1999) e Blay (2003) colocam que, no Brasil, os agressores de mulheres são homens casados, jovens e frequentemente com menor grau de escolaridade do que suas vítimas. Para Daniel, a escola passou a ser desinteressante, enquanto que os

demais participantes acabaram optando por inserirem-se em atividades de trabalho visando auxiliar a família. Cecconello e Koller (2003) explicam que a falta de escolaridade pode afetar as relações interpessoais, podendo provocar uma dinâmica relacional propiciadora de agressões.

Nos casos estudados, como já explanado, verificou-se que os participantes ingressaram no mercado de trabalho bastante jovens. Marcos iniciou sua vida laboral na adolescência como jardineiro, Daniel começou a trabalhar aos 15 anos como camelô, e mais precoce ainda, Miguel iniciou trabalhando na lavoura aos 10 anos de idade. Para Miguel *“a minha vida é assim, eu trabalhei muito e continuei trabalhando, quero só que Deus me dê saúde”* (sic).

Ressalta-se que os autores de homicídios passionais entrevistados neste estudo sempre estiveram inseridos em atividades formais de trabalho (Miguel e Marcos como motoristas e Daniel como auxiliar de produção) durante longos períodos. Dados referentes a esta questão também são pontuados no estudo de Dobash et al., (2007), que verificou que homens que praticam violência letal contra sua parceira usualmente são mais convencionais em relação à educação e emprego.

Pode-se constatar na trajetória de vida dos participantes a inserção em atividades religiosas. Todos os entrevistados frequentavam igrejas evangélicas (Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Universal do Reino de Deus, Assembléia de Deus), assim como seus familiares. Marcos comentou *“a minha mãe... ela segue firme mesmo, até usa aquelas roupas né, de crente lá”* (sic). Observou-se também em seus relatos a importância de relacionarem-se com parceiros que compactuassem das mesmas crenças.

Para Garcia e Maciel (2008) o crescimento do grupo de evangélicos poderá influenciar na vida social e nos relacionamentos interpessoais dos indivíduos. Segundo

Meneghel e Hirakata (2011), é importante notar a relação entre homicídios e pentecostais, pois ao analisarem a mortalidade feminina por agressão no Brasil entre 2003 e 2007 encontraram elevada relação entre membros da igreja pentecostal e feminicídios (homicídios de mulheres). Dados também pontuados por Rosa (2012), que realizou levantamento de mortes de mulheres por agressão nos municípios brasileiros entre 2007 a 2009, e encontrou evidências desta associação.

No que se refere aos relacionamentos amorosos, foi possível verificar que todos os participantes, apesar de terem tido diversos relacionamentos durante suas vidas, estiveram inseridos em casamentos longos, em que a coabitação do casal ocorreu após breve período de relacionamento. Daniel comentou: *"Começamos a namorar e uns 3 meses depois eu fui morar na casa dela"* (sic). Marcos contou: *"... levou uma semana, começou na segunda, quando chegou na sexta assim, eu já roubei ela de casa!... levei pra morar comigo"* (sic).

Foi possível constatar, também, que em dois dos casos estudados o episódio de homicídio ocorreu em relacionamentos mais breves. Observou-se que somente Daniel acabou por assassinar a companheira com a qual esteve casado durante anos. Referente a esta questão Pereira, Vieira e Magalhães (2013), ao analisaram a morte de mulheres em Portugal, encontram que as vítimas usualmente tinham longos relacionamentos com o autor do crime, o que contradiz a maioria dos dados encontrados nesta pesquisa.

Quanto à qualidade do relacionamento com a vítima, dois participantes consideraram terem tido um relacionamento satisfatório em período anterior ao homicídio. Daniel verbalizou: *"Era bom, era ótimo! Sempre foi um relacionamento bom... sempre tem aquelas briguinhas né, mas normal, nada sério"* (sic), Marcos também comentou sobre seu relacionamento *"nós saía, nós era muito feliz entendeu?"* (sic). Santiago e Coelho (2010), ao entrevistarem homens que cometeram crimes passionais no estado da Bahia, também

encontraram relatos semelhantes. Somente Miguel trouxe ter vivenciado momentos de conflitos e brigas, que também acabaram por motivar o assassinato.

Nota-se, através dos relatos, que os entrevistados tinham expectativas quanto à conduta de suas companheiras, principalmente no que se refere a padrões tradicionais de gênero. Daniel relatou que depois de um tempo a vítima, *“ela já não dava mais atenção pra casa”* (sic), *“às vezes eu chegava e tinha que limpar a casa”* (sic). Miguel explicou: *“eu ia procurar outra companheira porque eu precisava de alguém pra me auxiliar... eu tinha que me fazer tudo, lavar roupa, fazer tudo e não tinha sossego”* (sic). Corroborando com os dados encontrados, Cortez e Souza (2010), ao estudarem homens com histórico de violência nos relacionamentos amorosos, também observaram em seus discursos a predominância de convenções tradicionais de gênero. Eles tiveram dificuldades em lidar com condutas que consideravam impróprias ao sexo feminino, utilizando-se de violência. Para Safioti e Almeida (1995), as relações violentas tendem a obedecer a uma escala de agressões progressiva no decorrer do relacionamento, passando ao longo do tempo a episódios mais graves, o que foi observado nos casos deste estudo.

Quanto ao histórico de violência durante os relacionamentos amorosos, verificou-se que os participantes negaram ou minimizaram a violência física e psicológica perpetrada contra a vítima ou outras ex-companheiras. Cortez, Padovani e Williams (2005), em seu estudo sobre agressores de mulheres, também constataram negação e/ou minimização do ato de violência direcionada à parceira, confirmando as informações encontradas nesta pesquisa.

Embora os participantes tenham negado ou minimizado episódios de violência anteriores ao homicídio, ao observar seus históricos de ocorrências policiais, verificou-se que todos continham registros relacionados à prática de violência. Uma ex-companheira de

Miguel relatou que *"foi ameaçada de agressão por seu companheiro, que ele a ofendeu, chamando-a de puta, vagabunda, pra ir rodar a bolsinha..."* (sic). A vítima de Daniel, em registro após um período de separação do casal informou que *"ele voltou para casa embriagado... passou a ofendê-la e fazer ameaças de que iria matá-la... pegou-a pelos cabelos arrastando-a e com uma faca a ameaçava"* (sic). A ex-esposa de Marcos também registrou *"que o mesmo andava ameaçando-a e a toda sua família, pois o mesmo queria continuar o namoro com ela"* (sic), *"que durante uma discussão foi agredida e empurrada..."* (sic).

Na presente pesquisa, contactou-se a ocorrência explícita da situação homicídio-suicídio em apenas um dos casos relatados (caso 1). Contudo, levanta-se a hipótese de que este evento também pode ter ocorrido no caso (3), uma vez que o autor, após o cometimento do homicídio, colidiu seu veículo contra um caminhão permanecendo em estado de coma durante alguns dias, embora tal situação não tenha sido relatada como uma tentativa de suicídio. Referente ao episódio de tentativa de suicídio Daniel comentou: *"não me senti tonto, não senti nada..."* (sic), e quanto a sua motivação revelou *"é... de alguma forma eu tinha que pagar pelo meu erro né..."* (sic).

Para Marzuk, Tardiff e Hirsch (1992), esse comportamento acontece na maioria das vezes pelo ciúme e amor, e está presente em três de cada quatro homicídios ocorridos nos Estados Unidos. Palermo et al., (1997) destacaram que a maioria dos homicídios-suicídios são crimes de paixão, e geralmente são cometidos por homens com algum transtorno de personalidade, alcoolismo ou depressão. Em um estudo realizado na cidade de Porto Alegre, Sá e Werlang (2007b) relataram que os autores de homicídio seguidos de suicídios apresentaram indicativos de impulsividade, depressão, agressividade, dependência de álcool e antecedentes criminais relacionados à violência doméstica.

### **Considerações Finais**

Como pode ser observado, as histórias de vida dos autores de homicídios passionais que participaram deste estudo possuem alguns aspectos comuns. Provenientes de famílias imigrantes, com poucos recursos financeiros, os participantes e seus familiares migraram de seus locais de origem vislumbrando melhores possibilidades profissionais. A não aderência ao estudo também foi um dado comumente encontrado, tendo como consequência a precoce inserção no mercado de trabalho. O histórico de inserção formal e adequado nas questões laborais também foi identificado.

Referente ao período da infância, a questão da violência física foi relatada em dois dos casos estudados, o que pode ter contribuído para episódios de violência em período posterior. É importante ressaltar que os sujeitos relataram manter vínculos afetivos sólidos e preservados com suas famílias de origem, tanto em período anterior, quanto posterior ao cometimento do crime.

Os participantes demonstraram considerar importante a prática de atividades religiosas e apresentaram-se como frequentadores de igrejas evangélicas. Pode-se levantar a hipótese que a busca por uma religião de preceitos mais rígidos pode estar relacionada a uma busca por controle de comportamentos impulsivos. Observou-se que, para eles, a busca de uma parceira inserida na mesma religião foi um aspecto importante.

Sobre os relacionamentos amorosos, destacou-se que os participantes, desde o período da adolescência, estiveram envolvidos em diversos relacionamentos. Contudo, também mantiveram casamentos sólidos e duradouros. Constatou-se nos discursos apresentados expectativas referentes ao papel da mulher como organizadora e cuidadora do lar e da família, o que remete a crenças referentes a papéis de gênero tradicionais.

Outro dado encontrado foi o cometimento do homicídio ter ocorrido em relacionamentos de curta duração. Somente em um dos casos a morte aconteceu após anos de relacionamento e este mesmo participante foi quem apresentou uma tentativa de suicídio logo após o cometimento do crime.

Considera-se como uma limitação deste estudo as entrevistas terem ocorrido em ambiente prisional, o que pode ter influenciado em algumas reflexões e informações fornecidas, assim como o fato da entrevistadora trabalhar em instituição de segurança pública e ser do sexo feminino. Além disso, o histórico de vida e dos relacionamentos foi estudado apenas da perspectiva do autor da violência. Uma possibilidade para estudos futuros seria ampliar a rede de informações, através do relato de outras pessoas envolvidas nestes casos. Pontua-se também a possibilidade de futuras investigações com participantes inseridos em outras classes socioeconômicas, uma vez que este tipo de delito pode ocorrer em diversos contextos sociais.

### **Referências Bibliográficas**

Barata, R. B., Ribeiro, M. C. S. A., & Moraes, J. C. (1999). Desigualdades sociais e homicídios em adolescentes adultos jovens na cidade de São Paulo em 1995. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2 (1/2), 50-59.

Barkley, R. A., Fischer, M., Smallish, L., & Fletcher, K. (2004). Young adult follow-up of hyperactive children: antisocial activities and drug use. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(2), 195-211.

Blay, E. A. (2003). Violência contra a mulher e políticas públicas. *Estudos Avançados*, 17(49), 87-98.

Borges, L. M. (2009). Homicídio conjugal: comparações quanto ao sexo dos agressores. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 775-780.

Campbell, J. C., Glass, N., Sharps, P. W., Laughon, K., & Bloom, T. (2007). Intimate partner homicide: review and implications of research and policy. *Trauma Violence & Abuse, 8*(3), 246-269.

Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16*, 515-524.

Cooper, A., & Smith, E. L. (2011). *Homicide trends in the United States, 1980-2008*. Washington, DC: Bureau of Justice Statistics.

Coronel, M. K., & Werlang, B. G. (2011). Resolução de problemas em homicidas e tentadores de suicídio, *Boletim de Psicologia, LXI* (134), 103-116.

Cortez, M. B., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia, 23*(1), 13-21.

Cortez, M. B., & Souza, L. (2010). A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2), 129-142.

Dobash, R. E., Dobash, R. P., Cavanagh, K., & Medina-Ariza, J. (2007). Lethal and nonlethal violence against an intimate female partner: comparing male murderers to nonlethal abusers. *Violence Against Women, 13*(4), 329-353.

Dornelles, J. R. W. (1988). *Criminologia: Introdução a seus fundamentos teóricos*. São Paulo: Brasiliense.

Dutton, D. G. (2001). The neurobiology of abandonment homicide. *Aggression and Violent Behavior, 7*(4), 407-421.

Eastal, P. (1994). Homicide-suicide between adult sexual intimates: an Australian study. *Suicide & Life-Threatening Behavior, 24*, 140-158.

Eluf, L. N. (2013). *A paixão no banco dos réus: Casos célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves*. São Paulo: Editora Saraiva.

Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3, 83-97.

Gadoni-Costa, L. M., Zuccati, A. P. N., & Dell`Aglia, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para mulheres. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 219-227.

Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 95-112.

Gauer, G. C. (2001). Personalidade e conduta violenta. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 1(2), 45-65.

Gover, A. R., Kaukinen, C., & Foz, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(4), 1667-1693.

Guerra, C. C. & Lemos, V. S. (2002). Levantamento parcial de dados sobre violência conjugal e familiar na ONG SOS Mulher Família de Uberlândia. *Gênero em Pesquisa (Uberlândia)*, 10, 35-45.

Jacobucci, P. G., & Cabral, M. A. A. (2004). Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26, 215-215.

Jozef, F., Silva, J. A. R., Greenhalgh, S., Leite, M. E. E., & Ferreira, V. H. (2000). Comportamento violento e disfunção cerebral: estudo de homicidas no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 22(3), 124-129.

Kaighobadi, F., Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2009). From mate retention to murder: evolutionary psychological perspectives on men's partner-directed violence. *Review of General Psychology, 13*(4), 327-334.

Kivivuori, J., & Lehti, M. (2012). Social correlates of intimate partner homicide in Finland: distinct or shared with other homicide types. *Homicides Studies, 16*(1), 60-77.

Koziol-Mclain, J., Webster, D., McFarlane, J., Block, C.R., Ulrich, Y., Glass, N., et al. (2006). Risk factors for femicide-suicide in abusive relationships: Results from a multisite study. *Violence and Victims, 21*, 3-21.

Marzuk, P., Tardiff, K., & Hirsch, C. (1992). The epidemiology of murder-suicide. *Journal of American Medical Association, 267*(23), 3179-3183.

Meneghel, S. N., & Hirakata, V. N. (2011). Femicídios: homicídios femininos no Brasil. *Revista de Saúde Pública, 45*(3), 564-74.

McGoldrick, M., & Gerson, R. (2005). *Genogramas en la evaluacion familiar* (5. ed.). Barcelona, Espanha: Gedisa.

Minayo, M. C. S., & Souza, E. R. (1998). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde, 4*(3), 513-531.

Muniz, J. R., & Eisenstein, E. (2009). Genograma: informações sobre família na (in)formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica, 33*(1), 72-79.

Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2011). Estilo parental e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia, 16*(3), 263-269.

Palermo, G. B., Smith, M. B., Jenzten, J. M., Henry, T. E., Konicek, P. J., Peterson, G. F., Singh, R. P., & Witeck, M. J. (1997). Murder-suicide of the jealous type: a multicenter statistical pilot study. *American Journal of Forensic Medicine and Pathology, 18*(4), 374-383.

Pedroso, F. A. (1995). *Homicídio, participação em suicídio, infanticídio e aborto*. Rio de Janeiro: Aide.

Pereira, A. R., Vieira, D. M., & Magalhães, T. (2013). Fatal intimate partner violence against women in Portugal: a forensic medical national study. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 20, 1099-1107.

Pornari, C. D., Dixon, L., & Humphreys, G. W. (2013). Systematically identifying implicit theories in male and female intimate partner violence perpetrators. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 496-505.

Ricas, J., & Danoso, M. T. V. (2006). Maus tratos na infância: reflexões. *Revista Mineira de Enfermagem*, 10(3), 306-310.

Rosa, B. A. R. (2012). *Feminicídios: um estudo ecológico em municípios brasileiros, 2007-2009*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

Sá, S. D., & Werlang, B. S. G. (2007a). Homicídio seguido de suicídio. *Universitas Psychologica*, 6(2): 231-244.

Sá, S. D., & Werlang, B. S. G. (2007b). Homicídio seguido de suicídio na cidade de Porto Alegre. *Estudos Psicologia Campinas*, 24(2), 181-189.

Safiotti, H. I. B., & Almeida, S. S. (1995). *Violência e gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.

Santiago, R. A., & Coelho, M. T. A. D. (2010). O crime passional na perspectiva de infratores presos: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 87-95.

Seibt, T. (2014, dezembro 27). Uma morta por semana. *Jornal Zero Hora*, pp.14.

Smith, K., Coleman, K., Eder, S., & Hall, P. (2011). *Homicides, firearm offences and intimate violence 2009/10*. Supplementary volume 2 to crime in England and Wales 2009/2010. London: Home Office.

Stack, D. (1997) Homicide followed by suicide: an analysis of Chicago data. *Criminology*, 35, 435-453.

Starzomski, A., & Nussbaum, D. (2000). The self and the psychology of domestic homicide-suicide. *International Journal of offender therapy and Comparative Criminology*, 44, 468-479.

Yin, R.K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.

Waiselfisz, J. J (2012). *Mapa da violência 2012*, Atualização: Homicídios de mulheres no Brasil. Centro de Estudos Latino-americanos. Agosto de 2012.

Walker, P. L. (2002). A bioarcheological perspective on the history of violence. *Annual Review of Anthropology*, 30, 573-596.

## Seção 2 - Crimes passionais: a narrativa subjetiva *versus* a narrativa jurídica

### Resumo

**Introdução:** O tema da violência contra a mulher vem sendo constantemente discutido em diversos meios. Os crimes passionais, que mais frequentemente são cometidos contra mulheres, fazem parte desta discussão e apresentam-se como ápice desta violência.

**Objetivo:** Este artigo teve como objetivo analisar as discrepâncias entre a narrativa de homens que mataram suas companheiras e as informações sobre o crime contidas nos documentos judiciais. **Método:** foram entrevistados três homens condenados pelo homicídio qualificado de suas companheiras. Com base no procedimento de estudo de casos múltiplos, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com cada participante. Também foram analisados os processos de execução criminal, os inquéritos policiais, os depoimentos de testemunhas e fotografias. **Resultados:** Os relatos dos autores de crimes passionais continham informações, motivações e elementos diversos dos apresentados pelos demais documentos analisados. **Conclusão:** Para explicar tais discrepâncias algumas hipóteses foram levantadas: as falsas memórias, originadas no decorrer do processo ou do crime, a interferência de terceiros visando uma modificação da história que beneficiasse o autor do crime, o processo subjetivo de culpabilização, minimização ou negação de pontos importantes relacionados ao delito e referentes ao relacionamento com a vítima.

Palavras-chave: crimes passionais, homicídio, violência conjugal

## **Crimes of passion: the subjective narrative *versus* the court narrative**

### **Abstract**

**Introduction:** Violence against women has been the subject of continual discussions in several settings. Crimes of passion, which are more often committed against women, are a part of that discussion and the apex of such violence. **Purpose:** The purpose of this study was to analyze the discrepancies between the accounts by men who killed their lovers and the information contained in legal documents about their crimes. **Method:** three men convicted of the first-degree murder of their lovers were interviewed. Based on the multiple case study procedure, three semi-structured interviews were conducted with each convict. We also analyzed their court records, police reports, witness statements, and photographs. **Results:** The accounts by perpetrators of crimes of passion contained information, motivations, and elements that differed from those found in the other documents analyzed. **Conclusion:** A few hypotheses were formulated to explain such discrepancies: false memories created in the course of their trial or crime, interference by third parties in an effort to change the story in a way that benefited the killer, the subjective process of dealing with their guilt, and the downplaying or denial of important aspects related to their crime and relationship with their victims.

*Keywords:* crimes of passion, murder, domestic violence.

### **Introdução**

É considerável o índice de mortes violentas por homicídios (Malmquist, 2006). Na realidade brasileira, entre 1991 e 2000, o homicídio representou o principal motivo de morte por causa externa, com importante impacto social (Josef & Silva, 2002). Huss (2011) postula que uma área crescente de preocupação é a dos homicídios em relacionamentos

violentos. A violência doméstica é descrita como um fenômeno que compromete gravemente a integridade física e/ou psicológica de suas vítimas (Jeanjot, Barlow & Rozenberg, 2008), sendo o homicídio sua forma mais extrema.

Estudos referentes a essa temática apontam que as mulheres são as principais ofendidas (Tjaden & Thoenne, 2000). McFarlane et al., (1999) colocam que as mulheres são mais propensas a serem mortas por seu parceiro íntimo do que os homens. Campbell et al. (2007) também afirmam que pessoas do sexo feminino possuem um risco muito maior de serem mortas por seus companheiros, do que estes pelas companheiras, e que esse risco aumenta quando existem desavenças entre o casal.

Segundo Waiselfisz (2012), com base em sua pesquisa sobre homicídios no Brasil, a arma de fogo é o principal instrumento empregado nestes casos, tanto femininos quanto masculinos, só que em proporção diversa. Já objetos cortantes, penetrantes, contundentes, sufocação etc. são mais ligados à violência contra a mulher. No estudo de Bourget, Gagné e Whitehurst (2010) os métodos de estrangulamento e facadas apareceram em segundo lugar no que se refere ao assassinato de mulheres.

É importante notar que episódios de violência contra a mulher usualmente ocorrem na esfera do lar. Cortez e Souza (2010), ao estudarem a perspectiva de homens agressores, referiram que a maioria dos episódios de violência nos casais ocorrem no local de moradia, que acaba por delimitar simbolicamente o poder de ação sobre o parceiro. Deslandes, Gomes e Silva (2000), na mesma direção, colocaram que, na maioria das vezes, a violência praticada contra a mulher ocorre em ambiente familiar. Para Bourget, Gagné e Whitehurst (2010), o histórico de violência contra mulheres é o principal fator de risco para homicídios de esposas. Desta forma, conseqüentemente, coloca-se o local de habitação como principal espaço onde ocorrem tanto as agressões quanto os homicídios de parceiros íntimos.

Com relação ao planejamento da situação de homicídio, Santiago e Coelho (2010), ao realizarem entrevistas com autores de crimes passionais, constataram que todos os participantes informaram que o delito não foi planejado. Por outro lado, Goussinsky e Yassour-Borochowitz (2012), ao estudarem homens violentos e condenados pelo assassinato de suas esposas em Israel, colocaram que a violência letal nesses casos, usualmente, não ocorreu de forma espontânea, sendo sim, um ato planejado e premeditado, motivado por um sentimento de desespero e desejo de destruição. Poucos homens nessa pesquisa admitiram ter premeditado os assassinatos. Para os autores, na maioria dos casos, o homem já chega à cena do crime equipado com uma arma, faca ou outro material, sendo a perda do controle uma escolha antecipada.

Para Borges e Alencar (2006), o homicídio é uma forma de violência que atesta contra o valor da vida e aquele que o cometer viola uma regra de convívio social e um fenômeno de valor moral. Segundo Goussinsky e Yassour-Borochowitz (2012), a visão de que o assassinato é a forma mais extrema de violência pode explicar a motivação do homicídio passional, sendo muito importante a investigação de suas condições e emoções.

Para Gauer e Guilhermano (2001), todo comportamento humano é resultado da interação do cérebro com o ambiente, e estes encontram-se constantemente sofrendo influências do meio. Um dos processamentos mais importantes e determinantes para o comportamento humano é a memória. Segundo Eisenkraemer (2006), a memória e o aprendizado são fundamentais para a experiência humana. Jaffard (2006) explica que ela é uma função inteligente, que permite que os seres humanos e animais se beneficiem de experiências passadas, para resolver problemas apresentados pelo meio.

Foster, Hillbrand e Silverstein (1993) e Palmimi (2004) elucidam que através da memória são revividas representações mentais de emoções e experiências (presentes,

passadas e futuras). Estas irão se relacionar com o estímulo, apresentado no momento, proporcionando ao indivíduo uma instrumentalização sobre quão boas ou ruins foram as experiências vivenciadas.

Para Del Pino e Werlang (2008), qualquer nível de dificuldade no processamento da memória poderia prejudicar os indivíduos homicidas no resgate de vivências passadas. Di Gesu (2008) explana que a lembrança da situação ocorrida não reconstrói o fato tal qual ocorreu na realidade, sendo que a memória, ao ser evocada, apresenta uma síntese aproximativa do que foi percebido.

Kandel e Squire (2003) apontam que as fragilidades da memória são universais na experiência humana, e que mesmo que uma memória tenha sido estabelecida e registrada, ainda pode ser modificada. Neste contexto, apresentam-se as falsas memórias, que segundo Pergher e Stein (2001) são geradas espontaneamente, como resultado do processo normal de compreensão, proveniente de distorções mnemônicas endógenas.

Em uma situação de homicídio em que há uma reação intensa de agressividade, pode haver modificações no registro e na evocação das memórias. Di Gesu (2008) coloca que seu autor pode estar sujeito a interferências de diversas ordens (viés do entrevistador, jornais, orientações de advogados ou familiares etc.).

Considerando as percepções do indivíduo e suas possíveis alterações frente ao delito do homicídio, pode-se também considerar as distorções cognitivas em relação ao cometimento e justificativa do cometimento de um crime. O termo distorções cognitivas foi originalmente usado por Beck (1979) para descrever conteúdo cognitivo idiossincrático indicativo de conceptualizações distorcidas ou irrealistas. Para Moura e Koller (2008), as distorções cognitivas podem ser compreendidas como crenças disfuncionais relacionadas à

visão que o indivíduo tem sobre as outras pessoas, si mesmo e o mundo. E a elas são incorporadas significados pessoais, proporcionando uma visão subjetiva das relações.

Couto (2013) explica que apesar de ocorrerem a nível cognitivo, as distorções cognitivas podem ser expressadas de várias formas, ou seja, a sua presença a nível mental pode traduzir e manifestar-se através de verbalizações, atitudes ou comportamentos. Souza (2012) coloca que homens autores de violência doméstica contra a mulher, usualmente, minimizam ou negam o cometimento do ato violento, e quando o reconhecem tendem a justificá-lo através de causas externas. Desta forma, distorções de culpabilização, e a minimização e negação de elementos podem ser encontradas também em situações de homicídio.

Friestad (2011) coloca que em casos de violência conjugal nos quais ocorrem agressões, a função deste processo seria permitir ao agressor continuar a praticar atos de violência, diminuindo ou eliminando a experiência de culpa, vergonha ou redução de sua autoestima. Nos casos de homicídio, este processo de distorção pode ocorrer em período anterior (justificando seu comportamento) e/ou posterior ao cometimento do crime (proporcionando ao homicida uma forma mais branda e tolerável de lidar com seu próprio comportamento).

Considerando a importância e gravidade das situações de violência conjugal, a frequência com que ocorrem e as contribuições da literatura acerca dos processos psicológicos e cognitivos envolvidos, fica clara a necessidade de investigações que contribuam para a sua elucidação. Com base em tais premissas, o objetivo deste estudo foi analisar as narrativas sobre o crime de homicidas passionais, confrontando-as com as informações contidas nos documentos processuais.

## **Método**

### **Delineamento**

O estudo seguiu uma abordagem qualitativa, pautada pelo procedimento de estudo de casos múltiplos. Yin (2010) elucida que o estudo de caso permite investigar um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real.

### **Participantes**

Participaram deste estudo três homens com idades de 28, 32 e 58 anos, condenados pelo homicídio qualificado de suas companheiras. Homicídio qualificado ocorre quando o êxito letal da vítima é desejado por motivos particulares pelo autor, evidenciando uma ação intencional (Del Pino & Werlang, 2008). As penas impostas aos participantes desta pesquisa variaram de 15 a 19 anos de prisão, em regime inicialmente fechado.

### **Procedimentos de Coleta dos Dados**

O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa da universidade ( Anexo A) a qual se vinculam as pesquisadoras. Também foi autorizado pela instituição de segurança pública (Anexo B). Os participantes foram indicados pelo setor de segurança dos estabelecimentos prisionais. Eles foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e informados de que sua participação seria voluntária, não implicaria em nenhuma alteração em seu processo de execução criminal e nem no cumprimento de sua pena. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com cada um (Anexo C). Também foi utilizada uma ficha sociodemográfica e análise documental, tendo sido consultados o processo de execução criminal e o inquérito policial (onde constam depoimentos das testemunhas, do autor do crime, dados sobre o crime, fotografias, entre outros documentos) de cada caso. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente degravadas para

análise. Ocorreram nos estabelecimentos prisionais em que os participantes cumpriam penas. Em caso de verificação de necessidade de algum encaminhamento posterior às entrevistas, os apenados foram encaminhados para atendimento no setor técnico dos estabelecimentos prisionais.

### **Procedimentos de Análise dos Dados**

Os dados foram analisados de acordo com o método de proposições teóricas de Yin (2010). Como primeiro passo, foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizando-o de forma cronológica, com foco na narrativa sobre o crime. Após, foram captadas e organizadas as informações incluídas no processo de execução criminal e demais documentos estudados. Foi então utilizada a técnica de Construção de Explicação, visando confrontar o relato dos participantes com as informações dos documentos processuais, identificando convergências e divergências e buscando construir uma explicação sobre as mesmas. Posteriormente, foi utilizada a síntese de casos cruzados, buscando identificar convergências e divergências entre os casos.

## **Resultados**

### **Caso 1**

O caso 1 é de um homem de 58 anos, que cumpre uma pena de 15 anos pelo cometimento do homicídio de sua companheira, com a qual conviveu maritalmente por cerca de 14 meses. Segundo o relato apresentado por ele, o casal, inicialmente, tinha um bom relacionamento, costumavam conversar, frequentar bailes e tinha uma convivência saudável. Após determinado período de convívio, a companheira retomou o antigo hábito de ingerir bebidas alcoólicas, o que comprometeu o andamento do relacionamento. De acordo com o participante, a companheira passou a apresentar um comportamento violento, agredi-lo fisicamente e verbalmente, inclusive em determinada data, tentou acertá-lo com

auxílio de um instrumento cortante (faca). Também passou a prejudicá-lo no trabalho e deixou de realizar as tarefas domésticas. O participante informou que as agressões ocorriam na frente de familiares e amigos, e que ele não tinha o costume de ingerir bebidas alcoólicas.

Em diversos momentos, o casal dialogou sobre o relacionamento e a possibilidade de separação usualmente foi cogitada. Como a companheira prometia que mudaria seu comportamento e cessaria o uso de bebidas alcoólicas, ele aceitava e decidiam continuar juntos. Segundo o participante, ele nunca revidou as agressões, e tentava verbalmente acalmá-la para que conseguissem conversar.

Em determinado dia, após uma discussão, quando ela se encontrava sob efeito de álcool, ele decidiu ir embora do lar e arrumou seus pertences. Por não aceitar a situação, a companheira apanhou um pedaço de madeira que se encontrava no quarto e passou a tentar agredi-lo. O participante, conforme seu relato, conseguiu segurar a investida dela, tomando o pedaço de madeira e revidando. Segundo ele, atacou-a apenas uma vez, na parte lateral de sua cabeça. Ela veio a falecer em seguida, devido ao impacto da agressão. Ele então fugiu do local e após alguns dias apresentou-se na delegacia de polícia para entregar-se à justiça.

Ao analisar o documento elucidado pela perícia médica referente ao homicídio, pode-se notar que, diferentemente do que foi explanado pelo participante, *"foi uma paulada só que eu dei"* (sic) e *"era uma madeira com quina"* (sic), a arma utilizada para realização do crime foi um instrumento corto contundente (machado) e que foram lhe aplicados três golpes. Também foi explanado pelos peritos técnicos que a vítima sofreu as agressões enquanto dormia, o que não condiz com a informação trazida pelo participante, de que se encontravam em uma situação de discussão no momento do ataque.

Também foi observado que o participante informou nunca ter revidado ou praticado algum ato de violência contra a companheira, que de acordo com ele, frequentemente avançava e praticava atos contra ele. Entretanto, conforme os relatos de testemunhas e familiares da vítima, o participante costumeiramente a agredia verbalmente e fisicamente, sendo que a vítima temia por sua vida.

Segundo o relato de testemunhas ouvidas no caso, o casal costumava agredir-se mutuamente, sendo que a vítima pretendia separar-se do agressor e abandonar o lar. Ao contrário da versão relatada por ele, de que a vítima não aceitava a separação, as testemunhas explicaram que era o participante quem não aceitava esta possibilidade e acabou cometendo o crime. O participante também informou não fazer uso de bebidas alcoólicas, o que foi contrariado pelos testemunhos anexos ao processo.

## **Caso 2**

O caso 2 tratava-se de um homem de 28 anos que assassinou a companheira com a qual manteve união estável por cerca de 8 anos. O casal se conheceu na adolescência, por intermédio de amigos do bairro, iniciaram um namoro e após três meses de relacionamento, ele passou a residir na casa de familiares dela. Em seguida decidiram ter um filho, e logo mudaram-se de cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho. O casal, em diversos momentos, separou-se, permanecendo por alguns meses afastados. Nestes períodos, relacionavam-se com outras pessoas. Posteriormente a uma destas separações, de acordo com o participante, o casal retomou o casamento e a companheira comunicou ao marido de que iria jantar com amigos da empresa em que trabalhava. Após horas sem contato, o participante passou a preocupar-se com o sumiço da companheira e iniciou uma série de ligações para o celular dela, não obtendo retorno.

Na manhã seguinte, ele decidiu procurá-la indo até a residência da mãe dela. No caminho, foi informado de que ela se encontrava dormindo, na casa da genitora, após uma noite de festa. O participante adentrou na casa da mãe dela, conversou com a sogra, que lhe informou que a filha havia comparecido a um baile de carnaval e encontrava-se descansando no quarto. O participante adentrou no quarto, onde iniciaram uma discussão e ele então passou a questioná-la sobre o fato, sendo informado de uma possível traição por parte dela. Foi até a cozinha, onde pegou uma faca, retornou ao quarto e passou a desferir-lhe golpes com o instrumento.

Após acertá-la algumas vezes, não suportou a ideia de ter cessado a vida da companheira. Tentou suicídio, cortando seu próprio pescoço. Depois de cortar-se, abraçou-a e permaneceu ali até a chegada de familiares e do serviço de saúde, sendo levado ao hospital. A família da vítima informou que o homicídio ocorreu em frente ao filho do casal, pois foi este quem abriu a porta da residência após a insistência dos familiares. De acordo com o participante, o casal havia retomado o relacionamento após curto período de separação, sendo que somente algumas pessoas tinham conhecimento desta informação. Conforme o relato de familiares, o casal encontrava-se separado, e a vítima não pretendia retomar o casamento, tanto que compareceu a um baile de carnaval. Também informaram que o agressor não se conformava com a situação de rejeição e a procurava frequentemente. Desta forma, a motivação maior para o cometimento do crime teria sido a possibilidade de abandono do relacionamento por parte da vítima.

Outra informação divergente foi a questão do filho do casal ter presenciado o cometimento do homicídio. A família da vítima apontou que sim, que o menino assistiu ao ocorrido e abriu a porta para que entrassem na casa após o ato. Já o participante afirmou que a criança não estava presente no momento das agressões, e que nem chegou a visualizá-

lo na casa naquele dia. Ele cogitou a hipótese do menino tê-los visto após o episódio concretizado.

### **Caso 3**

O participante 3 esteve em um relacionamento com a vítima. Ele, que no início se encontrava em um casamento de quatorze anos, deixou a esposa para ficar com a nova companheira. De acordo com ele, o casamento já não andava bem e somente coabitavam a mesma residência.

O participante passou a residir com a nova companheira e segundo ele, tinham uma ótima convivência, ela era uma pessoa cuidadosa, carinhosa, que gostava dele, pela qual ele também informou ser muito apaixonado. Após um período de relacionamento, ele foi informado por um colega de trabalho dela de que ela o estaria traindo. Concomitante a esta denúncia, passou a observar que o comportamento da companheira havia se modificado, ela não estava mais tão presente no relacionamento e frequentemente tinha que permanecer no trabalho fazendo horas extras.

Em determinado dia resolveu segui-la na saída do trabalho, constatando que ela ingressou no veículo de um colega. Ele seguiu o carro e acabou flagrando-os quando ingressavam em um motel. No local, barrou a entrada dos dois, gritou com ela e desferiu golpes contra o veículo do amante. O rapaz fugiu e ele logo foi embora, retornando para sua residência.

Ela teria ido ao seu encontro buscando a possibilidade de dialogar sobre o ocorrido, o que ele não desejava. Porém, acabou optando por conversar com ela em um lugar afastado, visando uma maior privacidade. No decorrer da conversa, o celular dela tocou, sendo o amante quem lhe telefonava. Ao perceber a situação e ouvir insultos do amante através do viva-voz do telefone, o participante descontrolou-se e matou-a com apenas um

golpe em sua garganta. Ele então abandonou o corpo no local e foi embora. No dia seguinte, por não acreditar no ocorrido, retornou ao local algumas vezes, constatando que ela estava morta. Ele então resolveu cobrir o corpo com terra e folhas. Nesta data, foi trabalhar, acabou colidindo o transporte que dirigia contra outro veículo e permaneceu em estado de coma durante alguns meses. Quando acordou, admitiu o crime cometido e foi preso.

A análise do laudo pericial, fotografias e relatos de testemunhas trouxeram informações divergentes quanto ao relacionamento que o casal vivenciava no momento do crime. Para o participante, o casal apenas passava por um período turbulento no relacionamento. Conforme as testemunhas, o casal encontrava-se separado, a vítima tinha medo do agressor e não queria mais continuar mantendo contato e relacionando-se com ele. Informaram também que o autor do crime frequentemente a perseguia e tentava retomar, sem êxito, o relacionamento.

Conforme constatado nos documentos analisados, o casal estava separado no período em que ocorreu o crime, e em determinada data, o autor do homicídio perseguiu a vítima, obrigou-a a adentrar em seu veículo e conduzindo-a para um local ermo. Neste local, amarrou suas mãos e pés, e a asfixiou. Após, enterrou o corpo. Referente a situação da traição no motel, não constam informações em nenhum dos documentos sobre este acontecimento, assim como, em nenhum momento das entrevistas, foi relatado que a vítima foi amarrada.

Outra informação divergente foi sobre a forma utilizada para provocar a morte. O laudo médico pericial alude que a morte ocorreu por asfixia, tendo, para isso, o agressor mantido a vítima sob seu domínio e durante minutos obstruído sua respiração. De acordo com o participante, havia sido apenas um golpe certo.

Referente ao uso de substâncias psicoativas, em entrevistas, o participante externou ter apenas utilizado o "rebite" quando laborava nas estradas. Entretanto, em depoimento fornecido a polícia, ele afirmou que na data do crime estava sob efeito de cocaína.

### **Discussão**

Conforme observado nos resultados descritos acima, informações importantes, que vão desde o instrumento utilizado para o crime, até mesmo quanto à motivação para o cometimento do mesmo, foram contrastadas através dos documentos processuais. Foram, então, consideradas algumas possibilidades de esclarecimento sobre este fenômeno.

Primeiramente, cogita-se que uma possível explicação para esta discrepância de informações encontra-se no processo de memorização durante a situação do cometimento de homicídio e posteriormente a ele. Para Kandel e Squire (2003), a memória é o cimento que une a vida mental e preserva a história pessoal do indivíduo. É um processo pelo qual aquilo que é apreendido, persiste ao longo do tempo. Segundo Einsenkraemer (2006), ela não é um fenômeno tão perfeito e pode apresentar incongruências, sendo que em alguns momentos torna-se difícil distinguir algo que foi somente imaginado de um evento real.

Kandel e Squire (2003) explicam que a memória possui fragilidades, e uma vez que algum tempo tenha se passado, o registro daquilo que aconteceu pode se tornar incerto. Os autores colocam que muitas vezes, quando se tenta evocá-la, erros criativos como a fabricação de algumas partes e extinção de outras podem ocorrer. Para eles, a memória funciona pela extração de um significado e não como um registro literal daquilo que acontece. Mazzoni (2005) coloca que durante os processos judiciais, nos testemunhos, a pessoa, ao verbalizar sua versão, recorre à memória episódica, e mesmo que a memória esteja estabelecida e registrada, ainda pode ser modificada, angariando novas recordações.

A memória não é um registro passivo das experiências vividas (Laroche, 2006), e o fenômeno de falsas memórias pode ocorrer neste processo. Pergher e Stein (2001) explicam que as falsas memórias podem ocorrer espontaneamente. O indivíduo evoca informações que na realidade não ocorreram, sendo posteriormente recordadas como se tivessem realmente acontecido. As falsas memórias poderiam explicar a discrepância entre as lembranças dos autores de homicídios passionais e os dados periciais e testemunhais.

Mazzoni (2005) coloca que pelo simples fato de rememorar a situação ocorrida, pode-se modificar seu conteúdo. Observa-se que os participantes da pesquisa tiveram que narrar o evento homicida em diversos momentos e para diversas pessoas, valendo-se também da assessoria de profissionais da área jurídica, que podem ter interferido na sequência e conteúdo das informações prestadas. Di Gesu (2008) explica que as recordações estão sujeitas a contaminações e quanto maior o tempo entre o fato ocorrido e suas declarações, maior a possibilidade de serem incorporados elementos externos e percepções, podendo causar uma confusão entre o que realmente aconteceu e as informações adquiridas posteriormente através da mídia, amigos, policiais, advogados etc. Einsenkraemer (2006) explana que uma falsa memória nem sempre ocorre em oposição à realidade, pois pode funcionar como uma reformulação, mesmo que radical, dos acontecimentos.

Para Albuquerque e Santos (1999) existem acontecimentos imaginados que assumem propriedades de acontecimentos reais. Os autores também colocam que em situações cotidianas, pode-se confundir o contexto e o conteúdo dos acontecimentos, principalmente após um intervalo de retenção. Assim, as pessoas tendem a confundir o episódio fictício com suas memórias atuais.

Di Gesu (2008) explana que as recordações são fortemente influenciadas pelas emoções e sentimentos, o que, neste contexto, minimiza a observância de detalhes do acontecimento. Sendo o delito de homicídio provocador de fortes emoções, pode também sofrer influências desta ordem. Albuquerque e Santos (1999) colocam que existem memórias das quais o indivíduo dificilmente esquecerá, e muitas vezes podem impedir o registro de novas informações. Além disso, a não recordação de todas as coisas que ocorreram pode exercer uma função de proteção a esse indivíduo.

Kandel e Squire (2003) postulam que a evocação da memória é um processo criativo de reconstrução, não é meramente uma reprodução automática de informações. Concordando, Mazzoni (2005) explica que a memória não é reprodutiva e está articulada a uma série de processos relativos à atenção e à percepção.

Não há como deixar de considerar que a versão explanada pelos autores de homicídios passionais pode ser meramente orientada e modificada a fim de beneficiá-los ao longo de seu processo criminal, sendo que a recriação da história poderia servir como uma forma mais branda e coerente de explicar o modo como aconteceu o delito. Del Pino e Werlang (2006) destacam que realizar estudos com homicidas envolve uma série de dificuldades, por se tratarem de pessoas encarceradas e que sofrem influência de efeitos do sistema prisional. Nesse sentido, deve-se considerar também que as narrativas dos autores dos crimes estão sujeitas a múltiplas interferências, incluindo o próprio contexto de narração destes conteúdos. Os entrevistados encontravam-se privados de liberdade, construindo uma história para alguém que trabalha no sistema prisional.

Observa-se que a maioria dos homicídios passionais encontrados nesta pesquisa estão baseados na perda do controle diante de uma traição ou abandono por parte das vítimas. Pontua-se ser importante observar que ao relatarem e justificarem o cometimento

do homicídio após terem sofrido uma traição, abandono ou humilhação por parte das companheiras, os autores de homicídios passionais podem obter benefícios. Angariar vantagens processuais (diminuição da pena, até uma absolvição) e pessoais (empatia das pessoas, menor aversão para com o crime cometido). Isso pode fazer com que alterem a versão apresentada em depoimentos e entrevistas, podendo acrescentar ou omitir detalhes importantes da situação delituosa.

Santiago e Coelho (2010), ao entrevistarem autores de crimes passionais, identificaram que a traição surgiu muitas vezes sob a forma de violência. Assim, como observado nesta pesquisa, as autoras colocam que o indivíduo passa a acreditar que é uma vítima inocente da circunstância, e o ato de matar tornar-se cada vez mais justo para ele.

Outra possível explicação sobre a incoerência de alguns dados apresentados é a premissa de que muitas vezes o autor da violência tende a utilizar-se de distorções cognitivas (culpabilização, negação, minimização) de seus atos agressivos. Segundo Beck (1979), a cognição consiste em um conjunto de processos que abrangem a atenção, memória, percepção, interpretação, produção e compreensão da linguagem, aprendizagem e a capacidade de tomar decisões. É o processo que permite a sistematização de informações que são assimiladas e das respostas que são produzidas. Knapp (2007) explica que distorções cognitivas são vieses temáticos na forma como o indivíduo interpreta suas experiências. De acordo com o autor, as distorções podem levar a uma conclusão equivocada da situação, mesmo quando a percepção do ocorrido está acurada.

Couto (2013) coloca que uma distorção qualifica aquilo que foi adulterado, ou seja, é uma alteração na forma original, uma modificação no aspeto real de um dado objeto. Assim, poder-se-ia considerar uma distorção cognitiva como uma cognição que na realidade não corresponde à verdade, não é simétrica à realidade. Para Kendall (1992), as

interpretações realizadas a partir das experiências têm impacto nas consequências emocionais e comportamentais das mesmas, sendo possível que uma interpretação negativamente desajustada da realidade possa levar a consequências negativas. Para Couto, as distorções cognitivas podem ser consideradas como um fator de risco para o cometimento de atos violentos. Entretanto, não são fenômenos exclusivos destes episódios. Flora (2001) destaca que este funcionamento cognitivo possibilita a racionalização, justificção e minimização dos atos praticados, verificando-se frequentemente o sentimento de “direito” a praticar tais atos.

A culpabilização do outro envolve a atribuição da culpa pelo próprio comportamento delituoso a outra pessoa, estado, grupo ou objetos exteriores que não o próprio indivíduo (Couto, 2013). Observa-se que, ao utilizar-se de uma distorção de culpabilização, o indivíduo desloca a responsabilidade de um resultado pessoal negativo para fontes externas, resultando em benefícios pessoais, que auxiliam a manter sua autoestima, diminuir a ansiedade e evitar julgamentos (Snyder & Higgins, 1988).

A minimização ou negação também são distorções que podem ser encontradas, e que visam diminuir ou eximir o sentimento de culpa por seu comportamento. Exemplificando a questão da minimização de episódios de agressão, um dos participantes relatou referente a uma situação de violência contra a vítima *"nós tivemos uma briga, uma discussão, eu acabei fazendo besteira... agredi verbalmente, só verbalmente..."* (sic), sendo que no boletim de ocorrências a vítima relatou *"que passou a ofendê-la, fazer ameaças que iria matá-la, que só não agrediu, pois os familiares o contiveram... que pegou-a pelos cabelos arrastando-a para fora e com uma faca ameaçava matá-la"* (sic). Henning, Jones, Holdford (2005) colocam que usualmente o agressor tende a minimizar a severidade e consequências de seus atos. Cortez, Padovani e Williams (2005), em sua investigação sobre

agressores de mulheres, também verificaram que estes apresentam negação e/ou minimização de seus atos de violência contra as parceiras, o que apoia os dados encontrados neste estudo.

Para Mann e Beech (2003), alguns autores apontam que as distorções são apenas desculpas dadas de forma consciente visando benefícios ao perpetrador, o que realmente pode ocorrer. Contudo, não se pode desconsiderar processos inconscientes que podem estar presentes para proteger o agressor da culpa, vergonha e tornar mais suportável conviver com o comportamento realizado. Desta forma, a culpabilização, negação, minimização da agressão ou do ato cometido, como processo inconsciente involuntário também podem explicar a discrepância dos dados encontrados nas versões dos participantes e naquelas contidas nos documentos processuais.

### **Considerações Finais**

O crime de homicídio passional é um tipo de homicídio usualmente ligado a situações de violência doméstica e perpetrado na esfera do lar. Diferencia-se dos demais pela proximidade relacional entre o ofensor e sua vítima. Observou-se, através da análise documental e dos relatos apresentados pelos participantes, que estes narraram justificativas, motivações e circunstâncias distintas daquelas apresentadas pelas testemunhas, Ministério Público e inquérito policial. Para explorar possíveis explicações para tais divergências, algumas hipóteses foram levantadas.

A primeira hipótese foi relativa ao processo de memorização da situação ocorrida, quando podem ocorrer interferências de diversas ordens. Uma delas diz respeito a possibilidade da criação de falsas memórias pertinentes ao relacionamento, ao crime e ao pós-crime, que podem ser adquiridas ao longo do tempo e vivenciadas como verdades pelo indivíduo.

A readequação da história, através da orientação e interferência de terceiros, também é um importante fator a ser considerado, uma vez que pode vislumbrar angariar benefícios processuais, diminuição da pena ou até mesmo uma melhor aceitação das outras pessoas em face do crime cometido. Por fim, outra possibilidade elencada foi a de que ocorre um processo inconsciente de culpabilização, minimização ou até mesmo de negação das situações vividas. O indivíduo que comete o crime, através deste mecanismo, pode obter uma forma de lidar psiquicamente com seu comportamento.

Uma limitação deste estudo é o fato de ter sido realizado em ambiente prisional e por profissional inserida no local, o que pode, de algum modo, provocar alterações na forma e conteúdo das informações trazidas pelos participantes. As entrevistas terem sido realizadas por uma pessoa do sexo feminino também pode ter influenciado na prestação de elementos dos casos. Pontua-se, também, que os participantes não foram avaliados quanto a possíveis patologias mentais, que poderiam interferir em seus comportamentos e escolhas ao longo da vida, ou possivelmente até levá-los ao cometimento do delito. Sugere-se que futuras análises sobre a saúde psíquica destes indivíduos possam ser empreendidas.

Esta investigação foi baseada na perspectiva do autor do crime e nos documentos processuais. Uma investigação mais ampliada abrangendo os demais indivíduos envolvidos no crime poderia trazer mais informações sobre os fatos narrados, ampliando a sua compreensão e elucidação das discrepâncias identificadas.

### **Referências Bibliográficas**

Albuquerque, P. B., & Santos, J. A. (1999). “Jura dizer a verdade?...” Traições e fidelidades dos processos mnésicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2, 257-266.

Beck, A. (1979). *Cognitive therapy of depression*. New York: Guilford Press

Borges, L. S., Alencar, H. M. (2006). Moralidade e homicídio: um estudo sobre a motivação do transgressor. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 451-459.

Bourget, D., Gagné, P., & Whitehurst, L. (2010). Domestic homicide and homicide-suicide: the older offender. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 38(3), 305-311.

Campbell, J. C., Glass, N., Sharps, P. W., Laughon, K., Bloom, T. (2007). Intimate partner homicide: review and implications of research and policy. *Trauma Violence Abuse*, 8(3), 246-269.

Cortez, M. B., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia*, 23(1), 13-21.

Cortez, M. B., & Souza, L. (2010). A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 129-142.

Couto, J. M. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro*. Dissertação de mestrado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.

Del Pino, V., & Werlang, B. S. G. (2006). Homicídio e lobo frontal: revisão da literatura. *Interação em Psicologia*, 10(1), 127-137.

Del Pino, V., & Werlang, B. S. G. (2008). Flexibilidade mental na resolução de problemas em indivíduos que cumprem pena por homicídio qualificado. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 142-150.

Deslandes, S. F., Gomes, R., & Silva, C. M. F. P. (2000). Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 129-137.

Di Gesu, C. C. (2008). *Prova penal e falsas memórias*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

Eisenkraemer, R. E. (2006). Nas cercanias da memória. *Ciência e Cognição*, 9, 97-110.

Flora, R. (2001). *How to work with sex offender's. Handbook for criminal justice, human services, and mental help professional*. New York, Haworth Clinical Practices Press.

Friestad, C. (2011). Making sense, making good, or making meaning? Cognitive distortions as targets of change in offender treatment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 2, 1-18.

Foster, H. G., Hillbrand, M., & Silverstein, M. (1993). Neuropsychological deficit and aggressive behavior: a prospective study. *Progress in Neuropsychopharmacology and Biological Psychiatry*, 17(6), 939-946.

Gauer, G. J. C., & Guilhermano, T. F. (2001). Fatores biológicos associados a conduta agressiva. Em G. J. C. Gauer (Org.). *Agressividade: uma leitura biopsicossocial* (pp. 11-33). Curitiba: Juruá.

Goussinsky, R., & Yassour-Borochowitz, D. (2012). "I killed her, but I never laid a finger on her" - A phenomenological difference between wife-killing and wife-battering. *Aggression and Violent Behavior*, 17(6), 553-564.

Henning, K., Jones, A. R., & Holdford, R. (2005). "I didn't do it, but if I did I had a good reason": minimization, denial and attributions of blame among male and female domestic violence offenders. *Journal of Family Violence*, 20, 131-139.

Huss, M. T. (2011). *Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações*. Porto Alegre: Artmed.

Jaffard, R. (2006). A diversidade da memória. *Revista Viver Mente e Cérebro (Edição Especial)*, 2, 5-7.

Jeanjot, R. H., Barlow, P., & Rozenberg, S. (2008). Domestic violence during pregnancy: survey of points and the healthcare provides. *Journal of Women's Health, 7*(4), 557-567.

Josef, F., & Silva, J.A.R. (2002). Psiquiatria forense no Brasil: modelo de entrevista semiestruturada para emprego em pesquisa psiquiátrico-forense, com utilização do Hare PCL-R. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 51*, 47-54.

Kandel, E. R., & Squire, R. L. (2003). *Memória: da mente às moléculas*. Porto Alegre: Artmed.

Kendall, P. C. (1992). Childhood coping: Avoiding a lifetime of anxiety. *Behavioural Change, 9*, 1-8.

Knapp, P. (2007). *Teoria Cognitivo-Comportamental na prática psiquiátrica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Laroche, S. (2006). Marcas da identidade. *Revista Viver Mente e Cérebro, 2*, 36-43.

Malmquist, C. P. (2006). *Homicide: a psychiatric perspective*. Washington, DC: Amer Psychiatric Pub.

Mann, R., & Beech, A. (2003). Cognitive distortions, schemas, and implicit theories. In T. Ward, D. R. Laws, & S. M. Hudson (Eds.), *Sexual deviance: Issues and controversies* (pp. 135-153). Thousand Oaks, CA: Sage.

Mazzoni, G. (2005). Crimes, testemunhos e falsas recordações. *Revista Viver Mente e Cérebro, 149*, 78-84.

McFarlane, J. M., Campbell, J. C., Wilt, S., Sachs, C., Ulrich, Y., & Xu, X. (1999). Stalking and intimate partner femicide. *Homicide Studies, 3*(4), 300-316.

Moura, A. S., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico – USF, 13*, 85-94.

Palmini, A. (2004). O cérebro e a tomada de decisões. Em P. Knapp (Org.), *Teoria Cognitivo-Comportamental na prática psiquiátrica* (pp.71-88). Porto Alegre: Artes Médicas.

Pergher, G. L., & Stein, L. M. (2001). Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 353-366.

Santiago, R. A., & Coelho, M. T. A. D. (2010). O crime passional na perspectiva de infratores presos: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 87-95.

Snyder, C. R., & Higgins, R. L. (1988). Excuses: Their effective role in the negotiation of reality. *Psychological Bulletin*, 104, 23-35.

Souza, A. C. (2012). *Atendimento psicossocial a homens no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher*. Trabalho de conclusão do curso de Psicologia. Universidade Católica de Brasília.

Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). *Extent nature consequences of intimate partner violence: Findings from national violence against women survey*. National Institute of Justice and the Centers for Disease Control. NCJ Publication.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.

Waiselfisz, J. J (2012). *Mapa da violência 2012. Atualização: Homicídios de mulheres no Brasil*. Centro de Estudos Latino-americanos. Agosto de 2012.

### **Considerações Finais da Dissertação**

Por ser um problema de saúde pública e atingir a um quarto da população no Brasil (Jacobucci & Cabral, 2004), a violência conjugal é um fenômeno que vem frequentemente sendo estudado e analisado. Colossi e Falcke (2013) explicam que a violência conjugal é multifatorial e exige uma tentativa de abarcar seus variados aspectos. Desta forma, esta dissertação focalizou uma forma letal de violência contra a mulher, o homicídio passional.

Analisando os discursos apresentados pelos participantes, foi possível observar históricos de vida com aspectos semelhantes. No que se refere à perspectiva histórica e relacional dos autores de homicídios passionais, não há como generalizar os dados encontrados. Contudo, os resultados obtidos nesta pesquisa podem servir como potencializadores para novas investigações.

Nota-se que os resultados encontrados neste estudo foram condizentes com diversos dados descritos na literatura, principalmente na literatura internacional, pois no Brasil ainda existem poucos estudos investigando especificamente o autor de violência. A carência na produção de materiais envolvendo indivíduos homicidas passionais pode ocorrer pela dificuldade de acesso ao público, que usualmente encontra-se inserido no sistema prisional, ou porque muitas vezes o autor desse tipo de crime atenta contra sua própria vida.

Foi destacado no segundo artigo a discrepância entre os dados processuais e a narrativa dos entrevistados. Foram apresentadas as diferenças entre os documentos e relatos e discutidas algumas hipóteses para esclarecer tal disparidade. Não há como generalizar a ocorrência desse fenômeno, contudo, pontua-se que o crime passional envolve uma série de

emoções e situações limite, o que pode contribuir para que as versões sejam apresentadas de formas distintas.

Uma observação importante é de que não há como prever o quanto a inserção dos participantes no sistema prisional no momento da entrevista serviu como uma situação de interferência nos conteúdos e dados relatados, assim como o fato de a entrevistadora laborar junto ao sistema prisional. Este último fato pode ter sido facilitador, uma vez que de alguma forma estavam familiarizados com a presença da entrevistadora no local, ou inibidor, por justamente tratar-se de uma pessoa que está inserida naquele ambiente.

Ao estudar os autores de violência buscou-se compreender um dos aspectos envolvidos no fenômeno da violência. Considera-se extremamente importante, no que diz respeito à redução dos números alarmantes de agressões e mortes por parceiros íntimos, que as investigações com o agressor possam ser ampliadas.

### Referências da Dissertação

Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318.

Day, V. P., Telles, L. F. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25, 9-21.

Devries, K. M., Mak, J. Y. T., Garcia-Moreno, C., Petzold, M., Child, J. C., Falder, G., Lim, S., Bacchus, L. J., Engell, R. E., Ronsefeld, L., Pallitto, G., Vos, T., Abrahams, N., & Watts, C. H. (2013). The global prevalence of intimate partner against women, *Science*, 340, 152-158.

Jacobucci, P. G., & Cabral, M. A. A. (2004). Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26, 215-215.

Meneghel, S. N., & Hirakata, V. N. (2001). Feminicídios: homicídios femininos no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 45(3), 564-74.

Pêgo, N. C. C. M. (2007). *Crimes passionais: atenuantes x agravantes*. Monografia de conclusão de curso, Faculdade de Direito de Presidente Prudente, São Paulo, SP, Brasil.

Souza, I. M. de. (2004). *Homicídio passional: uma teoria in extremis*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

## Anexo A



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)  
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

*Versão março/2008*

**UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**  
**RESOLUÇÃO 021/2014**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

**Projeto:** Nº CEP 14/032    **Versão do Projeto:** 10/04/2014    **Versão do TCLE:** 10/04/2014

**Coordenadora:**

Mestranda Bibiana Calatayud Barbosa (PPG em Linguística Aplicada)

**Título:** Autores de homicídios passionais: suas histórias de vida e de seus relacionamentos amorosos.

**Parecer:** O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 10 de abril de 2014.

  
Prof. Dr. José Roque Junges  
Coordenador do CEP/UNISINOS

## Anexo B



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS  
ESCOLA DO SERVIÇO PENITENCIÁRIO



### AUTORIZAÇÃO

Na data do dia 24/03/2014 a Escola do Serviço Penitenciário (setor responsável pelas pesquisas e convênios entre a SUSEPE e as Instituições de Ensino Superior) autoriza pesquisadora **BIBIANA CALATAYUD BARBOSA** a realizar a pesquisa sob o título **“AUTORES DE HOMICÍDIOS PASSIONAIS: SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E DE SEUS RELACIONAMENTOS AMOROSOS”** junto aos Estabelecimentos Prisionais – Presídio Estadual de Bento Gonçalves, Presídio Estadual de Guaporé, Penitenciária Industrial de Caxias do Sul e Penitenciária Regional de Caxias do Sul

O projeto de pesquisa está vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Faculdade de Psicologia – Mestrado Pós-graduação em Psicologia sob orientação acadêmica da Prfª Drª Vera Regina Rohnelt Ramires.

Salientamos que para realização da coleta dos dados necessários ao andamento da pesquisa, é necessário que a pesquisadora agende previamente a data das visitas aos estabelecimentos, com o (a) Administrador (a) do Estabelecimento Prisional acima citado.

Mediante esta autorização, solicitamos que após o término do projeto, a pesquisadora envie seu Trabalho/ Monografia final de pesquisa, para a Escola do Serviço Penitenciário.

Destacamos que a pesquisadora deverá respeitar, rigorosamente, os procedimentos operacionais e de segurança de acordo com a Administração do Estabelecimento Prisional onde irá ocorrer a pesquisa.

Cordialmente

**Adriano Fernandes Frões**

Diretor da Escola do Serviço Penitenciário

## Anexo C

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado Sr.

Meu nome é Bibiana Barbosa, sou psicóloga e realizo Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Ramires. Estamos desenvolvendo uma pesquisa cujo título é “Autores de homicídios passionais: Suas histórias de vida e de seus relacionamentos amorosos”. Esta pesquisa tem como objetivos conhecer a história de vida e dos relacionamentos amorosos de pessoas que cometeram homicídio com motivação passional. Sua importância reside no fato de que, compreendendo em profundidade a dinâmica dessas situações, torna-se possível aprimorar estratégias de trabalho e reinserção social destas pessoas e estratégias de prevenção deste tipo de crime.

Gostaríamos de convidá-lo a participar do estudo, que será realizado no estabelecimento prisional. A sua participação é muito importante e contribuirá para uma maior compreensão das situações que este estudo focaliza. Essa participação consistirá no preenchimento de uma ficha com alguns dados sociodemográficos e na realização de algumas entrevistas em que você será convidado a falar sobre sua história de vida, relações familiares etc. Estas entrevistas serão gravadas e depois transcritas para análise. Depois disso, serão deletadas. Seu processo de execução criminal também será acessado, para obtenção de informações sobre sua situação jurídica.

Todos os dados serão utilizados apenas para fins da pesquisa científica e sua identidade será totalmente preservada. As informações coletadas não serão utilizadas em seu processo de execução criminal, não podendo a pesquisadora utilizá-las para outra finalidade que não seja da pesquisa. A pesquisadora não participará em avaliações judiciais futuras e nem servirá como testemunha para qualquer questão que possa ser levantada com relação ao seu processo.

Sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento. Essa participação não implica qualquer risco para você, mas deve ser assinalado que algum desconforto ou sofrimento poderá ser sentido,

devido aos assuntos tratados. Se for identificada necessidade de encaminhamento para alguma forma de tratamento os técnicos responsáveis pelos atendimentos na casa prisional serão devidamente contatados e notificados. Se desejar, você poderá receber um retorno sobre os resultados da pesquisa.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode contatar a pesquisadora responsável por este estudo pelo telefone (54) 3228-5253

Este termo será preenchido em duas vias de igual teor, ficando uma delas em seu poder.

Eu, \_\_\_\_\_  
concordo em participar deste estudo de forma voluntária e permito o acesso ao meu processo de execução criminal.

Participante: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_

Bento Gonçalves, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.